



EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO E DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO
DE JOVENS E ADULTOS:
TRABALHANDO COM A TEMÁTICA EDUCAÇÃO ESCOLAR
DOS POVOS INDÍGENAS DE SANTA CATARINA

Jéssica Lícia da Assumpção⁸

Mariana Bandeira do Nascimento⁹

Regina Wagner Cizerio Lira¹⁰

Resumo: Este trabalho traz um panorama sobre as experiências de Estágio Supervisionado I e II do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina, realizado na Educação de Jovens e Adultos (EJA), nas instalações da Escola Municipal Donícia Maria da Costa localizada em Florianópolis, contando um pouco da trajetória de vida dos alunos e professores entrevistados na primeira etapa do estágio e através de observações e diálogos com os demais alunos e professores,

⁸ Discente do Mestrado em História Global da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Integrante do Laboratório de História Indígena-LABHIN/UFSC. Bacharela e Licenciada em História pela UFSC. Contato: jessica_licia@hotmail.com

⁹Discente da Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Contato: maby.mari@gmail.com

¹⁰Bacharela e Licenciada em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Contato: reginacizerio@gmail.com

e detalhar a experiência ao ministrar nossa oficina intitulada: *A educação escolar dos povos indígenas de Santa Catarina*.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Estágio Supervisionado; Ensino de História.

Abstract: This paper provides an overview of experiences in the supervised internship I and II of the History course at the Federal University of Santa Catarina, conducted at EJA on the premises of Maria Donícia da Costa school located in Florianópolis, telling a little of life trajectory of students and teachers interviewed in the first stage of internship through observations and dialogues with other students and teachers, and finally detailing our workshop entitled: *School education of the indigenous peoples of Santa Catarina*.

Keywords: Youth and Adult Education - Supervised Internship - History Teaching.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo relatar as nossas experiências como estudantes de graduação em História estagiando na Educação de Jovens e Adultos – EJA – nas instalações da Escola Municipal Donícia Maria da Costa no Saco Grande, na Rede Municipal de Educação de Florianópolis, autorizado pela escola. O estágio foi dividido em dois momentos, sendo a primeira parte em Experiências do Estágio

Supervisionado de História I¹¹, onde dialogamos sobre nosso convívio com os alunos e as primeiras impressões que tivemos do sistema, das aulas, dos estudantes, do cotidiano de uma escola com Ensino de Jovens e Adultos. Centramos nossas observações principalmente no sistema de educação da EJA, no aluno, como sujeito central, ativo em nossos debates, acerca de educação, superação e problemas enfrentados nesse sistema de ensino específico e no docente e sua posição nesse ambiente. Com a perspectiva de debater melhor o assunto abordado, utilizamos referências e artigos de outros autores que trabalham com Educação de Jovens e Adultos: Magalhães (2009) e Arend (2009) que passaram por experiências parecidas com a que vivenciamos, para um melhor diálogo sobre as nossas observações enquanto estagiários na Escola Municipal Donícia Maria da Costa.

Na segunda parte damos um enfoque no Estágio Supervisionado de História II¹², onde realizamos a oficina com os alunos, abordando a educação escolar dos povos indígenas de Santa Catarina, com contextualização de trabalhos dos seguintes autores: Baniwa (2012), Notzold (2008); Notzold e Rosa (2012; 2013) entre outros. Nesta primeira etapa, fizemos um panorama

¹¹ A disciplina de Estágio Supervisionado em História I foi ministrada pelo professor Dr. Elison Antonio Paim- UFSC e dividida em: aulas presenciais na Universidade Federal de Santa Catarina e acompanhamento de aulas da Educação de Jovens e Adultos, na Escola Municipal Donícia Maria da Costa.

¹² A disciplina de Estágio Supervisionado II foi ministrada pela professora Me. Rafaela Duarte-UFSC Durante essa disciplina nós desenvolvemos e ministramos a oficina: *A educação escolar dos povos indígenas de Santa Catarina*, e um artigo sobre a experiência de estágio.

sobre a educação escolar Indígena, apresentando um histórico dos três povos indígenas em Santa Catarina (O povo Guarani, Kaingáng e Xokleng), com o intuito de problematizar a realidade atual dos indígenas e ampliar o conhecimento em relação ao assunto, desmistificando alguns fatos da História Indígena e o cotidiano dos mesmos. Apresentamos também à metodologia da oficina, nossas considerações sobre todo o processo de docência e, principalmente, a recepção dos alunos para essa temática em específico, além de nossas considerações finais sobre como foi estagiar e conviver com esses estudantes, os professores e toda a experiência rica e gratificante que tivemos na EJA, e pensando ainda nesse sistema educacional tão diverso e instigante.

Dessa forma a problemática desse relato de experiência se baseia em nossas observações durante o estágio supervisionado em história, que é obrigatório dentro do curso de graduação em História da UFSC, contextualização de entrevistas realizadas com os professores e alunos de jovens e adultos na Escola Municipal Donícia Maria da Costa (foto da escola abaixo), com autorização da mesma, e relato da nossa oficina sobre educação escolar dos povos de Santa Catarina. Dentro do tópico da oficina apresentaremos as metodologias, parte do conteúdo utilizado, avaliação dos alunos e os resultados.

Foto 1: Escola Municipal Donícia Maria da Costa, em Florianópolis



Fonte: Arquivo Pessoal

Experiências do Estágio Supervisionado de História I

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) e o ensino fundamental estão garantidos na Constituição Federal de 1988, que tinha também como meta estabelecer a erradicação do analfabetismo e a universalização do Ensino Fundamental. Os programas de escolarização passaram a atender adultos e jovens com trajetórias de vidas consideradas malsucedidas, que não tiveram oportunidades, por diversos fatores (independente da faixa etária), tais como, trabalhar para ajudar no sustento familiar desde muito cedo, constante imigração por melhores condições de vida. Sendo assim essas pessoas procuraram a EJA para finalmente terminar os estudos, aumentar seus conhecimentos, melhorar sua vida financeira e trocar experiências tanto com os colegas em sala de aula, quanto com os professores, que lhes dão

uma assistência mais pessoal em virtude do sistema de aula que é fornecida na EJA, que será explicado adiante.

Antes de apresentar nossas experiências em sala, e o que avaliamos com nossas informações, consideramos necessário um panorama geral sobre a EJA e seu sistema de ensino. Primeiramente o site da Prefeitura Municipal de Florianópolis contém a resolução CNE/CEB nº02/2010 e nº 04/2014, que consiste nas diretrizes gerais e operacionais para Educação de Jovens e Adultos, assegurando a gratuidade do ensino, assim como as oportunidades educacionais apropriadas, considerando as condições de vida e de trabalho e as características de cada indivíduo, respeitando os requisitos de atendimento de inclusão, valorização, diversificação cultural, inter-relações, os espaços dentro e fora da escola, envolvendo a aprendizagem do aluno.

Há também a LDB - **A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira** (LDB 9394/96) que é a legislação que regulamenta o sistema educacional (público ou privado) do Brasil (da educação básica ao ensino superior) e reconhece o direito à escolarização de jovens e adultos, indicando a necessidade de que seja ofertada em conformidade com os interesses e necessidades dos estudantes. Reafirma também o direito à educação, garantido pela Constituição Federal. Estabelecendo os princípios da educação e os deveres do Estado em relação à educação escolar pública, definindo as responsabilidades, em regime de colaboração, entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios¹³. E por fim as Diretrizes Curriculares Nacionais para a

¹³ O documento está disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 15 agosto. 2019.

EJA (DCNEJA) que define que a especificidade da EJA está nos sujeitos ao qual ela se destina e reforça a importância da constituição de um modelo pedagógico próprio¹⁴.

O curso é oferecido pela Prefeitura Municipal e destinado para jovens a partir dos 15 anos de idade, em dois segmentos, um equivalente aos primeiros anos do Ensino Fundamental e outro dos anos finais. A matrícula e certificação dos alunos da EJA poderão ocorrer em qualquer época do ano letivo, sendo que a Secretária Municipal de Educação, conforme a demanda implantará os núcleos de Educação de Jovens e Adultos. Segundo o site da prefeitura, os núcleos estão separados em Centro I e II, Escola Silveira de Souza (matutino e noturno) e Escola Municipal Donícia Maria da Costa, Núcleo EJA Leste III Escola Básica Maria da Conceição Nunes, Núcleo Continente I Biblioteca continente, Núcleo EJA Norte I e II E. B. Herondina M. Zeferino e E. B. Osmar Cunha; Núcleo EJA Sul I e II, E.B. Anísio Teixeira e José Amaro Cordeiro¹⁵.

As turmas de primeiro segmento devem ter no máximo 25 alunos e para o segundo segmento, até 30 alunos. Sendo o grupo docente composto de profissionais habilitados em Pedagogia (para segmento I) e para demais áreas, curso superior em licenciatura, o ingresso é feito pelo processo seletivo público.

¹⁴ Documento disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf>. Acesso em: 15 agosto. 2019.

¹⁵ **Resolução da Educação de Jovens e Adultos em 2010**. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/11_05_2011_12.08.55.735d2fbf7f7260f583b585211b7bdf60.pdf. Acesso em: 01 julho. 2016.

A estrutura e organização funcional dos Núcleos de Educação de Jovens e Adultos possibilitam o acesso à sala informatizada, biblioteca e outros espaços físicos, com dois encontros anuais para avaliação dos trabalhos desenvolvidos pelos estudantes.

Referente à duração dos cursos da EJA, tanto à distância quanto presencial, há uma carga horária mínima a ser cumprida. Para primeiro segmento são 800 horas e para o segundo segmento são 1.600 horas, podendo ser avaliada conforme aproveitamento de estudos anteriores, se atribuindo uma carga menor a ser desenvolvida.

Feito esse panorama, para um maior entendimento do sistema de ensino, é colocado neste trabalho, pontos importantes a serem comentados. Na primeira parte do estágio, onde visitamos a Escola Donícia pela primeira vez, em aula, nosso estágio de observação na EJA da E. B. Donícia Maria da Costa, localizada no Bairro do Saco Grande em Florianópolis, ocorreu no período de 02/05/2016 a 20/06/2016 no período noturno das 19:00h às 21:40h, totalizando 11 dias de visita em datas alternadas, conforme o cronograma feito em sala de aula com os demais colegas de turma, o professor e a Coordenadora da escola.

Acompanhamos durante os 11 dias, as turmas 1 e 2 do segundo segmento da EJA, além disso, realizamos entrevistas com dois professores e dois alunos. Na primeira reunião na escola, houve a apresentação do espaço escolar, da realidade social dos alunos e do sistema de ensino da EJA Florianópolis, feita pela Coordenadora Rosemar Ucha. Essa reunião nos deu um panorama de como funciona a pesquisa como princípio educativo,

explicada na resolução nº2/2010 a Educação de Jovens e Adultos da Prefeitura Municipal de Florianópolis.

Nossas primeiras impressões foram se modificando ao longo das visitas, por não estarmos acostumadas com esse sistema de ensino tão específico, foi impactante acompanhar as diferenças da EJA para a escola tradicional ao qual a maioria de nós foi exposta, as formas como os professores se dispunham em sala, às vezes tendo de dois a quatro docentes em uma mesma turma. Esta rede municipal de ensino adota a pesquisa como princípio educativo, que no caso são interdisciplinares, isso quer dizer, são desenvolvidas de acordo com um tópico preestabelecido. Ou seja, a EJA, trabalha a organização do processo pedagógico por meio da problematização, sendo a unidade de planejamento a problemática ¹⁶. Os assuntos trabalhados em torno desta problemática serão relacionados com o cotidiano do estudante ou com outras áreas que podem envolver, ou não, conhecimentos específicos da formação acadêmica do professor.

Na EJA, isso é um ponto central para o andamento das aulas, a extensa participação do estudante em seu próprio aprendizado e consequentemente no aprendizado numa relação dialética com

¹⁶ Definida nas normas operacionais para funcionamento da EJA (resolução do Conselho Municipal de Educação). Disponível em: < http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/11_05_2011_12.08.55.735d2fbf7f7260f583b585211b7bdf60.pdf.>. Acesso em: 15 agosto.2019. E no Caderno de 2008. disponível em: < http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/22_02_2010_9.36.57.04162e08d6cd8876612adc5ada375bd5.pdf.>. Acesso em: 15 agosto.2019.

o professor que muitas vezes trabalha temáticas que não tem nada a ver com seu campo de ensino, sendo a nosso ver, um aprendizado de ambos os lados.

Outro ponto importante foi a diferença na faixa etária dos alunos, que compreende jovens de (15 a 25 anos) e adultos (30 a 60 anos) estudando em um mesmo ambiente, o que nos gerou observações bem interessantes, pois a colaboração desses alunos com idades tão diferentes em uma mesma sala de aula gera situações bem inusitadas, como a falta de interesse de alguns alunos mais jovens, sendo que os mais velhos tinham bastante disposição para aprender.

Apesar do desinteresse por parte de alguns estudantes, a grande maioria dos trabalhos de pesquisa eram bem interessantes, com temas que transitarão pela religião, como diferenças entre Umbanda e Espiritismo, a origem da Bíblia, ou temas de cunho bem mais pessoal, como a origem da tatuagem, origem do Rap, até temas mais sociais, como a saúde da mulher, violência contra a mulher, e o que é aneurisma, sendo suas apresentações finais bem formuladas e com uma participação bem positiva por parte dos outros alunos e professores.

Além das pesquisas, que são avaliadas em seu desenvolvimento na apresentação final para os demais colegas, foram realizadas também as oficinas, que são aulas mais voltadas para assuntos específicos, na qual o professor pode trabalhar sua área, trazendo problemáticas, textos, exercícios, poesias, histórias em quadrinhos, ou seja, qualquer material que lhe auxilie no tópico de aula escolhido. Havia também a escrita no diário/caderno de classe, que ficava na escola e era entregue a

cada aluno no início das aulas, onde cada um deles pode escrever como se sentiam, sua avaliação sobre as aulas, as atividades realizadas, dentre outros assuntos. Esse diário também serviu para registrar o desenvolvimento do educando a partir de uma série de questões que são analisadas pelos professores, não somente de cunho pessoal, mas também sugestões e reclamações dos alunos e perguntas que são direcionadas a esses estudantes em algum momento específico da semana. A nosso ver, um método bastante interessante, para se ter uma relação mais próxima e porque não pessoal, com os alunos e uma forma de possibilitar a interação deles com seus professores.

Como exemplo de atividades específicas, destacamos a proposta do professor de Espanhol que utilizou o áudio do poema de Eduardo Galeano - *O Direito de Sonhar* e forneceu o poema escrito aos alunos, despertando o interesse da turma na leitura, os alunos debateram sobre o significado do texto e traduziram as palavras que sentiam mais dificuldade, colocando suas opiniões nesse caderno, sendo uma aula bastante interativa e dinâmica.

Apesar desses métodos bem diferenciados de ensino, algumas dificuldades foram bem visíveis em sala. Podemos listar o fato de essas pesquisas requererem que o professor também assuma uma posição de mediador do conhecimento e pesquisador, um dos fatores que dificultou essa adaptação do professor nesse novo sistema. O princípio educativo utilizando a pesquisa é um desafio para os professores romperem costumes pré-estabelecidos de um ensino “tradicional”, no qual um professor conduz sua turma e passa o conteúdo didático de forma metódica, envolvendo sua área de atuação. Já a proposta

pedagógica desenvolvida no município de Florianópolis para a EJA, propõe a pesquisa como princípio educativo, no intuito de superar a perspectiva continuísta e disciplinar do ensino tradicional da escola regular (MAGALHÃES, 2009, p.22), buscando com base nos projetos que realizam em sala, fazer sentido dentro da realidade do estudante.

Com isso, vemos que esse modelo tem um intuito de estimular o aluno a seguir estudando com o que ele tem mais interesse, mas também é um grande desafio para o docente, tanto de adaptação, quanto de reformulação de conhecimentos e convívio com outros professores em sala, esses conceitos são demonstrados por Magalhães no trecho a seguir:

[...] tanto a formação acadêmica quanto a prática dos professores foram basicamente estruturadas visando os conteúdos pré-estabelecidos dentro das várias disciplinas, nas suas áreas específicas do conhecimento, dando ao professor certo domínio dentro dos tais conteúdos, gerando uma falsa sensação de poder e autoridade. Assim, no cotidiano dos Núcleos de EJA este sentimento dificulta ao professor a sua imersão no desconhecido, o que necessariamente precisa acontecer quando nos propomos ao trabalho com a pesquisa [...] (MAGALHÃES, 2009, p.22).

Percebemos com nossas observações que ensinar não é só passar o conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção e construção, estimulando a capacidade tanto do

educando, quanto do docente.

Na pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa, Paulo Freire fala: “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2001) e faz uma crítica ao ensino “bancário”, e que estamos “acostumados” a esse modelo de ensino, no qual as verdadeiras condições de aprendizagem não se dão a partir do mecanismo de memorização de conteúdo. Essa questão engloba muito bem o processo de aprendizagem da EJA Florianópolis, que tenta extirpar de certa forma esse modelo de ensino e educar através do aprendizado mútuo.

Entrevistas com professores e alunos

Tendo analisado todos esses aspectos em nossas observações, foram formuladas algumas perguntas e entrevistados dois professores e dois alunos. Para os professores, formulamos questões envolvendo sua formação acadêmica, discussões de temas como gênero e racismo e sobre suas experiências na Educação de Jovens e Adultos. Para os dois alunos, levantamos perguntas sobre sua vida pessoal, profissional, trajetória de vida escolar, visões sobre o sistema da EJA Florianópolis, suas percepções sobre a relação entre os professores e alunos. As entrevistas foram gravadas e transcritas. Os entrevistados assinaram termo de consentimento livre e esclarecido.

As entrevistas ocorreram no dia 16/06/2016, no próprio espaço escolar. Um dos nossos entrevistados, que iremos chamar

de professor 1, é formado com licenciatura e bacharelado em Geografia pela UFSC em 2013, atuando há 5 anos como professor, sendo que trabalhou um ano na EJA São José e nesse ano que ocorreu a entrevista estava trabalhando na EJA de Florianópolis. Uma pergunta que tínhamos bastante interesse em fazer era sobre suas considerações com relação às oficinas, sendo que mais adiante no estágio tínhamos que formular mais uma questão. Devido a algumas observações sobre diferentes tipos de oficinas ministradas em sala, percebemos que algumas geraram resultados positivos na turma e outras não surtiram o mesmo efeito. Visto isso, queríamos saber a opinião do docente sobre esse tipo de atividade. Então perguntamos - Como você analisa o desenvolvimento das oficinas e dos projetos realizados pelos alunos?

A questão das oficinas é bem interessante né?! Porque a oficina, as oficinas e os próprios projetos realizados pelos alunos fazem ele ter um empoderamento né, desenvolver a autonomia e até a questão da ampliação do conhecimento¹⁷.

Segue outro trecho da entrevista com o professor (1), no qual perguntamos acerca do funcionamento:

¹⁷Entrevista professores (1). Memórias e experiências de professores e alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na rede Municipal do Estado de Santa Catarina. Entrevistas concedidas a LIRA, Regina. LÍCIA, Jéssica. BANDEIRA, Mariana. Em Florianópolis, Escola Municipal Donícia Maria da Costa, 16 Jun. 2016.

As oficinas geralmente... Agora estamos passando por momentos focados na pesquisa e na apresentação, ela ficou um pouco de lado (a oficina), mas as oficinas são interessantes porque também sai um pouco da rotina, porque muito aluno chega e diz: “só vai ter pesquisa, não vai ter oficina de alguma coisa, de alguma disciplina?” e de certa forma a oficina ela é boa para o professor, o professor consegue também trabalhar na área dele, passar esse conhecimento que ele tem e que tem vontade. Mas o aluno também tem essa curiosidade de ter mais conhecimento, mesmo que ele não vá desenvolver uma atividade, às vezes só com aluno ouvinte ele também é válido.

Por meio dessa entrevista, voltamos ao tópico anterior, sobre o processo de aprendizagem por meio de memorização e a questão do ensino tradicional, por mais que a EJA tenha esse método diversificado, refletimos em nossas observações e como o próprio professor pontuou: a necessidade do aluno de ter um pouco daquele método tradicional de volta, onde o docente é detentor de determinado conhecimento que compartilha em sala, enquanto os alunos assistem; mas no caso da EJA, ainda vemos uma diferença, pois há uma participação maior dos alunos e dependendo do assunto abordado, a disposição da sala se modifica também, com os alunos eventualmente formando uma roda, ou em pé, realizando atividades mais dinâmicas.

As entrevistas realizadas pelas graduandas do curso de história com os alunos da EJA evidenciaram uma questão em

comum na análise do perfil desses alunos, a migração destas pessoas, que vieram para Florianópolis buscar melhores condições de vida, que em sua maioria vieram de outras regiões do Brasil e que serão relatadas adiante.

Em Florianópolis isso é bastante frequente, pois a partir da década de 1960, o município passou a receber migrantes de outras regiões do país, através da criação das empresas estatais Celesc (Centrais Elétricas de Santa Catarina), a Eletrosul Centrais Elétricas, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (AREND, 2009). Desde 1980, a cidade é vista pela excelente qualidade de vida e pela grande oferta de emprego no setor de serviços, atraindo principalmente pessoas de Rio Grande do Sul, Nordeste, São Paulo e do interior de Santa Catarina. Muitos alunos da EJA possuem esse perfil migratório, sendo que, a maioria daqueles que conversamos, veio de fora de Santa Catarina.

O aluno A¹⁸ com 22 anos, é um exemplo disso. Tendo vindo do Pará para melhorar sua vida e terminar os estudos, entrou na EJA com esse intuito e também de ingressar em uma faculdade. Perguntamos se ele tinha perspectivas em longo prazo, já que suas atividades na EJA estavam chegando ao fim. Segue abaixo um trecho da entrevista:

Não, não pensei ainda. Mas o que eu penso é fazer uma faculdade, penso em fazer uma faculdade com vinte e cinco anos. [...] Eu penso em fazer uma faculdade, porque sai de casa, porque eu não queria depender da

¹⁸ O aluno será identificado com “aluno A”.

minha mãe nem do pai, foi por isso, motivo disso estudar e trabalhar pra mim mesmo¹⁹.

O que se percebe na entrevista acima e na conversa com outros alunos, é que esses estudantes da EJA fazem seu retorno à escola com a perspectiva de ascensão social ou o sonho de ingressar em uma faculdade, principalmente os alunos mais velhos. A grande maioria desses alunos e alunas teve que trabalhar na infância e contribuir com seus proventos para o sustento da família. E esse fator é crucial para entendermos a desistência desses alunos em estudar, pois muitas vezes não têm poder de escolha e precisam ajudar suas famílias no sustento do lar, muitos sofreram com trabalho infanto-juvenil e até hoje, já mais velhos, têm uma rotina pesada de trabalho que os impede de continuar os estudos. Muitos deixaram os bancos escolares durante o Ensino Fundamental e retornam anos depois, pois precisam do Ensino Médio para conseguir melhores chances no mercado de trabalho e, conseqüentemente, uma melhora financeira para si e para a família.

Eles veem a EJA como um ponto de partida para melhorar sua vida e deixar para trás as experiências ruins das escolas anteriores. Diversos alunos que conversamos, sofreram *bullying* ou algum tipo de preconceito em momentos da sua vida escolar, pois não se enquadraram no perfil dos “bons” estudantes, criado pela

¹⁹Entrevista com o aluno (A). Memórias e experiências de professores e alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na rede Municipal do Estado de Santa Catarina. Entrevistas concedidas a LIRA, Regina. LÍCIA, Jéssica. BANDEIRA, Mariana. Em Florianópolis, Escola Municipal Donícia Maria da Costa, 16 Jun. 2016.

cultura escolar dominante (MAGALHÃES, 2009). Percebe-se que algumas das práticas escolares existentes no ensino regular acabam afetando esses alunos da EJA que por sua vez procuram a instituição, visto que suas experiências anteriores os colocavam em uma posição de inferioridade, que não é escolhida livremente (MAGALHÃES, p.58, 2009). Eles sofriam avaliações constantes de suas qualidades e defeitos, ou seja, o aluno se sentia inadequado, pois não alcançou as expectativas impostas pela escola, sendo assim a instituição não consegue lidar com essas questões, rotulando esse aluno como inadequado, sem olhar as diversidades e necessidades individuais do mesmo, dando preferência ao coletivo e fazendo com que esses estudantes acreditem que não se adequam a vida escolar.

Quando procuram a EJA, eles fazem uma nova tentativa de se manter nos estudos, apesar das dificuldades do dia-a-dia e da baixa-estima devido aos problemas que discorremos acima. Ainda assim, a maioria segue com firmeza nos estudos, principalmente os alunos mais velhos, que tem uma disposição invejável, mesmo trabalhando o dia inteiro e tendo que estudar a noite, é admirável a força de vontade e a disposição em aprender.

Os mais jovens, geralmente, precisam de uma supervisão maior dos professores, pois são mais desatentos e têm tendência a se ausentarem das aulas, sendo um dos grandes desafios da coordenação e dos docentes. Como percebemos nas reuniões de professores, a falta diária de determinados alunos é assunto recorrente na pauta e, apesar da tentativa de manter esses alunos interessados, até mesmo entrando em contato por telefone para saber o motivo das ausências, ainda é grande o número de alunos

desistentes ou que abandonam as pesquisas no meio do caminho, sendo uma luta diária dos funcionários manterem seus alunos presentes.

Essa primeira etapa de nossas observações foi essencial para o desenvolvimento da nossa oficina (que explicaremos mais a frente) e também para a nossa própria constituição enquanto futuros docentes, observar esses alunos e suas trajetórias de vida, e também a rotina dos professores e a dificuldades que eles enfrentam no cotidiano escolar, foi extremamente enriquecedor em nosso estágio e para nossa vida pessoal e profissional. Por meio dessas observações, nos reunimos e decidimos em consenso escolher a temática indígena como um assunto importante a se desenvolver em sala, principalmente devido à falta de conhecimento sobre o assunto por parte dos estudantes. Quando perguntamos aos alunos e alguns professores, vimos que era necessária uma abordagem mais ampla sobre os povos indígenas e sua importância em nossa sociedade, sendo também muito rico para todas nós aprendermos mais sobre a história e a vida desses povos e ter a oportunidade de compartilhar essas informações. No próximo tópico apresentaremos nossas experiências na oficina.

Oficina: A educação escolar dos povos indígenas de Santa Catarina durante o Estágio Supervisionado de História II

Metodologias e resultados

A Oficina foi realizada no dia 06/09/2016, nas instalações da Escola Básica Donícia Maria da Costa, para a turma do primeiro e do segundo segmento da turma da Educação de Jovens e

Adultos. Nosso objetivo foi apresentar os aspectos gerais dos três povos indígenas de Santa Catarina – os povos Guarani, Kaingáng e Xokleng – ampliando a visão dos alunos diante da realidade atual desses grupos; falar sobre a educação escolar e a formação superior dos professores das aldeias/comunidades e mostrar o trabalho realizado pelo Laboratório de História Indígena da Universidade Federal de Santa Catarina (LABHIN/UFSC).

Nossa oficina foi dividida em cinco momentos: Contextualização histórica e cultural dos povos indígenas Guarani, Kaingáng e Xokleng; apresentação dos direitos à educação indígena na Constituição Federal de 1988; utilização de três modelos de escola indígena que apresentam avanços na área da educação: *Escola Indígena de Educação Básica Wherá Tupã Poty D'já (Guarani)*, *Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkrê (Kaingáng)* e *a Escola Indígena de Educação B Laklãnõ (Xokleng)*, mostrando também um paralelo dos descasos estruturais e administrativos com outras escolas no Brasil; falar da formação dos professores indígenas do curso de licenciatura intercultural indígena da Mata Atlântica da UFSC; e por fim, divulgar o trabalho realizado no Laboratório de História Indígena da UFSC (LABHIN).

No primeiro momento da oficina foi trabalhada uma dinâmica, com apresentação de mapas, imagens e conteúdos em slides, no intuito de facilitar a visualização do estudante durante a explicação. A dinâmica foi elaborada com o objetivo de envolver os alunos na discussão mais abrangente sobre os indígenas. Dessa forma foi utilizada uma bola de papel com perguntas de conhecimento prévio dos alunos referentes aos povos indígenas

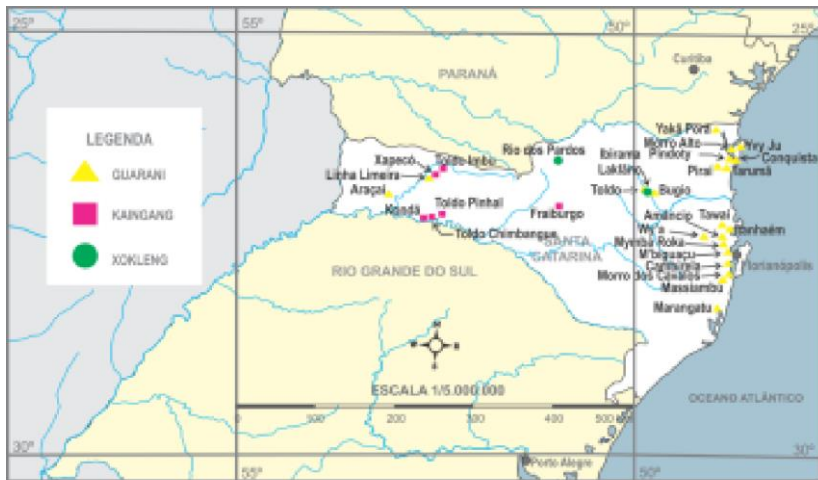
nos dias de hoje, com a questão da educação escolar indígena.

A bola de papel foi arremessada para um aluno aleatório, de forma que o mesmo lia a questão, respondia e repassava para outro colega, que tirava a outra camada de papel e repetia o processo. Sabendo da dificuldade de leitura e de compreensão de alguns alunos, nós lemos as questões junto aos alunos do primeiro seguimento e explicamos o conteúdo. Porém, o mais interessante desse processo, foi perceber que alguns educandos já tinham um conhecimento prévio sobre o tema, e pediram para responder algumas questões, contribuindo bastante para a dinâmica em sala.

No conteúdo apresentado, contextualizamos a história de cada povo indígena utilizando como base o capítulo: *Povos indígenas de Santa Catarina* escrito por Clóvis Antônio Brighenti (p.37-65, 2012). Foram utilizadas duas tabelas do texto mencionado acima. Na tabela 1: A população Indígena em Santa Catarina residindo em terras indígenas e a tabela número 2 com a evolução do quadro populacional indígena em Santa Catarina (Guarani, Kaingáng e Xokleng), de 1951 a 2012.

Utilizamos também o mapa da região Sul, para que os alunos soubessem a localização e ocupação desses povos nessas regiões, apresentando o território Guarani, que vai do litoral até a bacia do Paraná- Paraguai; o território Kaingáng que vai do interior de São Paulo até o centro norte do Rio Grande do Sul e o território Xokleng que vai do planalto ao litoral e do Paraná ao Rio Grande do Sul.

Mapa 1: Localização das terras indígenas em Santa Catarina.



Fonte: Clovis Antonio Brighenti, 2012, p. 38. Elaborado por Carina Santos de Almeida.

Demonstramos a presença dos indígenas antes da chegada dos portugueses em Santa Catarina, por meio de fotos tiradas no Museu Anita Garibaldi em Laguna- SC, onde se apresentam artefatos encontrados nos cemitérios arqueológicos (sambaquis).

Outra questão abordada na oficina foi à participação dos caciques das unidades territoriais que se aproximaram dos colonizadores que foram contratados pelo governo para auxiliar nas defesas das fazendas e vilas criadas no interior do território, além de fornecer mão-de-obra indígena para abertura de estradas e linhas telegráficas. Mostrando também que a relação de colonização trouxe várias implicações, como o embate entre colonos e indígenas, as políticas de demarcação das terras e a utilização de mão de obra indígena. Posteriormente foi lido um conto da origem do Povo Kaingáng, retirado do livro: Ouvir memórias contar histórias: Mitos e lendas (VULFENÖTZOLD;

MANFROI, 2006), para que os alunos tivessem um pequeno vislumbre da cultura e das lendas que cercam os povos indígenas, e como isso interfere no modo de vida e na organização das próprias aldeias.

Debatemos sobre os Xokleng e mostramos a sua história de luta, pois sobreviveram ao processo brutal de colonização do sul do Brasil, iniciado em meados do século passado, que resultou no extermínio de grande parte da população. Os sobreviventes dos Xokleng no estado e o confinamento dos sobreviventes em área demarcada em 1914 garantiram a expansão e progresso do vale do rio Itajaí, porém continuaram lutando para sobreviver à invasão, após a extinção quase total dos recursos naturais de sua terra, agravada pela construção da barragem norte.

A atividade proposta aos alunos foi que esses apontassem elementos do vídeo (que passamos em sala) que mais lhes chamou atenção. O vídeo escolhido foi o Mbya Mirim²⁰, que foi editado para 3 minutos. Ele retrata a história de Neneco e Palermo, duas crianças Mbya Guarani do Rio Grande do Sul. O objetivo desse vídeo foi trazer alguns elementos sobre a educação escolar indígena e o seu cotidiano, através do modo como Neneco se comporta em sala de aula e na sua casa. Esse vídeo trouxe um maior interesse nos estudantes da EJA, pois demonstrou que Neneco é um aluno igual a qualquer um ali presente, que muitas vezes parece não se interessar pelas aulas, mas está ali tentando aprender uma língua estrangeira para ele (o português) mesmo com sua cultura fortemente ligada na língua

²⁰ O vídeo está disponível no site do YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=6SA0L7_Qwj4>.

Tupi Guarani e aos seus costumes. Isso fez com que os alunos sentissem uma empatia e uma semelhança com sua própria situação escolar, tendo uma visão mais ampla e não fantasiosa da realidade e do cotidiano escolar indígena.

No segundo momento, realizamos a leitura da Constituição Federal de 1988, capítulo III²¹, “Da educação, da cultura e do desporto”, seção I “Da educação” e seção II “Da cultura”, onde se garante e assegura a formação básica e o respeito à língua materna de cada povo indígena, a sua cultura, aos valores artísticos, conforme o trecho abaixo:

[...] A Constituição Federal de 1988 mudou o rumo da política indigenista oficial tutelar e integracionista, incluindo a educação escolar indígena, ao superar a concepção equivocada da incapacidade indígena que fundamentou princípio jurídico da tutela, por meio do qual, era concedido ao Estado o poder e as responsabilidades de decidir pela vida e o destino dos povos indígenas. A lei é explícita quanto á garantia dos direitos dos povos indígenas ao reconhecer suas culturas, tradições, línguas, organizações sociais, crenças, enfim, o direito de continuarem vivendo segundo suas culturas. (BANIWA, 2012, p.71)

No terceiro momento apresentamos três modelos de escola indígena: Escola Wherá Tupã Poty D’já (Guarani), Escola

²¹ Constituição Federal de 1988, disponível na Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados pelo link: <bd.camara.gov.br>

Cacique Vanhkrê (Kaingáng) e a Escola Laklãnõ (Xokleng). Todas as informações trabalhadas nesse tópico foram retiradas do artigo: Desafios para a autonomia na Educação Escolar Indígena, escrito pela Helena Alpini Rosa e da Professora Dr^a Ana Lúcia Vulfe Nötzold, em 2013 (p.35-45). Também foram utilizadas fotos das escolas, retiradas do site do LABHIN da UFSC.

Começamos pelo espaço escolar para o povo guarani, que não se limita apenas a unidade escolar, mas entorno de toda a aldeia, incluindo a casa de reza. Isso foi desenvolvido e trabalhado durante a oficina, para explicar a relação da educação guarani que vai além da estrutura e que se estabelece desde sempre, pela oralidade, mostrando também as dificuldades em aprender o português como uma segunda língua e a questão da escrita. Falamos sobre as crianças acompanharem seus pais e irmãos durante as aulas, por falta de um cuidador (a), porém a responsabilidade de cuidar da educação deles fica para todas as pessoas da aldeia. Foi demonstrada também a determinação dos adultos da aldeia que participam da Educação de Jovens e Adultos da comunidade, que necessitam aprender o português para trabalhar fora das aldeias/ comunidades.

Também mencionamos o fato dessas escolas possuírem a Escolarização de Jovens e Adultos e como desde 1988, com muita luta e mobilização do povo indígena e das organizações que os apoiavam, se registrou avanços no papel da educação escolar indígena, sendo garantido pela Constituição Federal, respeitando-se suas crenças, costumes, línguas e tradições, assegurando assim a essas comunidades o uso de suas línguas maternas, com seus próprios processos de aprendizagem.

Também comentamos sobre os problemas com estrutura e outras situações difíceis que os alunos indígenas têm que enfrentar no dia-dia escolar, para que os estudantes vejam a dificuldade de se manter as instituições escolares nas comunidades Indígenas, e fazerem um paralelo dos descasos estruturais e administrativos com outras escolas no Brasil, usamos como exemplo a Escola de Educação Básica Laklãnõ, que passa por muitas dificuldades, que vão desde infraestrutura, até a falta de segurança, entre outros problemas. Os alunos, pais, professores estão sempre reivindicando melhores condições para a comunidade, sendo colocada a desassistência de algumas áreas de educação escolar indígena pelo Brasil, para mostrar o descaso que envolve a estruturas, merenda e administração por parte do Estado. Durante a apresentação do conteúdo houve questionamentos dos alunos com determinados temas, envolvendo a assistência social e financeira para esses alunos e suas famílias.

O espaço escolar indígena constitui-se na luta pelos direitos indígenas, por sua identidade, pela sua sobrevivência e da sua cultura, como vemos no trecho abaixo:

A escola passa a constituir um meio de acesso à sistematização do saber de conhecimentos tradicionais e ainda pelo espaço de luta e diálogo para a garantia de direitos. É um meio para a revitalização linguística, para o fortalecimento cultural, para a construção de projetos futuros, especialmente para a interlocução com o mundo fora da aldeia. (Nötzold e ROSA, 2012, p.19).

E através dessa interlocução do mundo que passamos o segundo vídeo (houve edição): Guarani, o povo da mata e da universidade²², para adentrar na temática do quarto momento da oficina, que é a formação dos professores indígenas no curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. O vídeo se passa primeiramente na aldeia indígena MbyaRoka, localizada em Biguaçu, Santa Catarina e mostra o espaço da aldeia e da escola, a escolarização indígena e depois o espaço do indígena dentro da Universidade Federal de Santa Catarina. Uma questão interessante abordada por uma professora da Escola Dnócia presente em nossa oficina, que trabalhou com indígenas, foi o tempo de formação dos indígenas na Universidade, que é dentro do tempo proposto nas demais licenciaturas.

Posteriormente, mostramos o trabalho realizado pela professora Dr^a Ana Lúcia Vulf Nötzold da Universidade Federal de Santa Catarina, que é coordenadora do Laboratório de História Indígena da Universidade e que ministra a matéria de História Indígena para graduação, por meio de um vídeo rápido, produzido por nós três, onde são apresentados os materiais bilíngues, artesanatos doados para o laboratório, e livros produzidos pela professora e seus bolsistas, mestrandos e doutorandos.

Já a avaliação final que entregamos aos alunos e que finalizava nossa oficina, consistiu em duas questões. A primeira abordava: A partir do que foi apresentado na oficina, pontue os

²² Guarani, o povo da mata e da universidade. Disponível em: <<http://youtu.be/1w4hxpuzyE4>>.

temas/ vídeos que achou mais interessante; já a segunda questionava: Referente à educação escolar indígena, o que mais lhe chamou atenção? Com esses questionamentos feitos de forma mais objetiva queríamos que os estudantes se sentissem confortáveis e confiantes na sua resposta e nos mostrassem de forma sucinta o que aprenderam e o que mais gostaram da temática abordada.

A partir das respostas que recebemos e da receptividade para conosco ao final da apresentação, percebemos um grande interesse no assunto e a felicidade de terem participado ativamente e auxiliado no aprendizado de um assunto tão sério e envolto em muitas discussões e polêmicas, como é a temática indígena. O resultado da oficina foi extremamente gratificante para nós, pois sentimos a sensação de ter contribuído, mesmo que de forma pontual, na formação desses estudantes e que eles por sua vez contribuíram significativamente para nossa formação como futuras professoras.

Conclusão

Podemos afirmar que estagiar na EJA do Saco Grande, foi uma experiência que nos ensinou muito. Todo o processo de observação, o contato e as conversas que tivemos com alunos, funcionários e professores foram extremamente edificantes. Sem dúvida, iremos levar esses ensinamentos não só para a vida acadêmica, como para nossa formação enquanto cidadãs, pois vimos e ouvimos não só as histórias de vida dessas pessoas, mas compartilhamos aprendizados, saberes, vivências.

Principalmente, pudemos olhar os vários lados da moeda, tanto da parte dos educandos, quanto dos educadores, acompanhamos o dia- dia desses indivíduos e observamos suas superações, dificuldades; não só deles, mas do sistema EJA em si, com nossas observações podemos constatar os desafios, as coisas boas e o que falta melhorar na Educação de Jovens e Adultos.

Porém mais significativo foi poder participar e ter como primeira experiência o que é ser professor; e a oficina foi o grande momento de aproveitarmos isso e termos uma noção de como é essa profissão tão importante e cheia de desafios, mas tão gratificante, apesar de todos os problemas que aparecem pelo caminho. Olhar esses estudantes e saber que eles também lutam para melhorar suas vidas e ainda tem fé em seus docentes e na instituição, é a força necessária que nos dá o ânimo de seguir em frente e agradecer por essa experiência tão rica, desejando sucesso a todos os envolvidos nela.

Referências

AREND, Silvia. **Trajetórias das famílias dos/as estudantes da EJA (Florianópolis, 1980 – 2007)**. TORNQUIST; B. Cristiani da; SUZANA Carmen (Org.); AREND Silvia. Histórias e Trajetórias de Jovens e adultos em busca de escolarização. Florianópolis: UDESC, 2009. p. 71-79.

BANIWA, Gersem. **Os desafios da educação indígena intercultural no Brasil**: avanços e limites na construção de políticas públicas. In: NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe; ROSA, Helena Alpini; BRINGMANN, Sandor Fernando. Ethnohistória, história indígena e educação: contribuições ao debate. Porto Alegre: Palloti, 2012.p. 69-88.

BRIGHENTI, Clovis Antonio. **Povos Indígenas em Santa Catarina**. In:

NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe; ROSA, Helena Alpini; BRINGMANN, Sandor Fernando. Etnohistória, história indígena e educação: contribuições ao debate. Porto Alegre: Palloti, 2012. p.37-65.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários á pratica educativa. 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

MAGALHÃES, Murilo Genazio. **Jovens Egressos da Educação de Jovens e Adultos**: Possibilidades e Limites. Florianópolis: UFSC, Julho/2009. p. 10- 94.

NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe (Org.). **Kanernu Ki Vi KãmeTugTó: caderno de atividades ouvir memórias contar histórias**: mitos e lendas Kaingáng. São José (SC): Agnus, 2008.

NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe e MANFROI, Ninarosa Mozzato da Silva (Orgs.). **Ouvir memórias contar histórias**: mitos e lendas Kaingáng. Santa Maria: Pollitti, 2006.

NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe e ROSA, Helena Alpini. **Obervatório da Educação escolar indígena_ autogestão e processos próprios de aprendizagem**: desafios para uma educação escolar indígena com autonomia. In: NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe; ROSA, Helena Alpini; BRINGMANN, Sandor Fernando. Etnohistória, história indígena e educação: contribuições ao debate. Porto Alegre: Palloti, 2012.p. 15-36.

NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe e ROSA, Helena Alpini. **Desafios para a autonomia na Educação Escolar Indígena**. Ver. Teoria e Prática da Educação, v. 16, n. 2; p.35-45, Maio/ Agosto 2013.

Fontes orais:

Entrevista com dois professores (1). **Memórias e experiências de professores e alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na rede Municipal do Estado de Santa Catarina**. Entrevistas concedidas a LIRA, Regina. LÍCIA, Jéssica. BANDEIRA, Mariana. Em Florianópolis, Escola Municipal Donícia Maria da Costa, 16 Jun. 2016.

Entrevista com dois alunos (A). **Memórias e experiências de professores e alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na rede**

Municipal do Estado de Santa Catarina. Entrevistas concedidas a LIRA, Regina. LÍCIA, Jéssica. BANDEIRA, Mariana. Em Florianópolis, Escola Municipal Donícia Maria da Costa, 16 Jun. 2016.

